



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES – ÁREA 1
CURSO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS

CLÁUDIA TOSOLINI CALEFF

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO EM ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA

Fortaleza - CE
Dezembro, 2010

CLÁUDIA TOSOLINI CALEFF

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Relatório Final apresentado à Profa. Dra. Áurea Zavam como requisito parcial para aprovação na disciplina **Estágio em Ensino de Língua Portuguesa**, do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará.

SUMÁRIO

Introdução	3
1. Caracterização da escola	4-5
2. Experiência de Estágio	6-9
2.1 Observação	6-8
2.2 Regência	8-9
3. Considerações Finais	10
Referências	
Apêndices	
Anexos	

Introdução

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. (BRASIL, 1998, p. 71)

Um dos grandes desafios da prática docente é a formação de leitores conscientes. Os textos literários, quando incorporados ao cotidiano da sala de aula, enriquecem o trabalho de identificação e exploração dos mais diversos gêneros literários existentes e suas tantas singularidades. O texto, tomado como unidade de ensino, contextualiza o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, pois não se constitui apenas de conjunto de palavras ou frases, mas de vozes e discursos que dialogam com a realidade do aluno e com as mudanças que o texto causará, a partir de sua leitura, na vida do leitor. A prática de leitura de textos orais e escritos compõe a base do ensino de Língua Portuguesa, formando leitores hábeis não apenas a ler e escrever, mas a desenvolver sua competência discursiva. Se promovido um ensino mais produtivo, o aluno aprende a reconhecer as diversas situações discursivas e a criar autonomia no uso da língua.

O presente relatório se propõe a relatar a experiência de estágio na Escola Pública de Ensino Médio Governador Adauto Bezerra, realizada nos meses de setembro, outubro e novembro de 2010. As informações apresentadas no relatório foram coletadas através de visitas, entrevistas com membros do corpo administrativo, docente e discente, e análise do espaço escolar. Além disso, foram realizadas dezesseis horas e meia de estágio, divididas em quatorze horas e meia de observação de aula e duas horas de regência em classe.

A princípio, o relatório apresentará a caracterização da escola na qual o estágio foi realizado, com informações a respeito da identificação da escola, histórico, estrutura administrativa, organizacional, física e material, além da proposta pedagógica e da forma como o planejamento é realizado. Também será descrita a relação da organização de ensino com os alunos e a articulação com a família.

Em seguida, através das notas de aula, o relatório tratará do período de observação das aulas da Professora Aline Parente no segundo ano D do Ensino Médio, como também das reuniões para planejamento realizadas entre a professora e a estagiária. Depois, serão apresentados os resultados das duas aulas de regência ministradas pela estagiária, observadas pela Professora Aline Parente.

Tendo em vista que a leitura deve ser o processo no qual o leitor constrói ativamente os significados do texto, foi trabalhado, para a aula de regência, a leitura do gênero conto. Através desta leitura, os alunos exploraram o gênero, identificando os elementos que constituem tal narrativa, tais como os personagens envolvidos, a seqüência de fatos, os conflitos, o clímax e as pistas que levam ao final (ou não) da narrativa. Ainda, produziram um conto coletivo, com cada aluno contribuindo para sua construção. Por fim, serão tecidas considerações finais a respeito da experiência de estágio, além de referências, apêndices e anexos relevantes ao trabalho.

1. Caracterização da Escola

A Escola de Ensino Médio Governador Adauto Bezerra localiza-se à Rua Monsenhor Liberato, de número 1850, no Bairro de Fátima. Foi fundada em vinte e seis de março de mil novecentos e setenta e seis, e seu nome é uma homenagem ao ex-governador Adauto Bezerra. Seu processo de criação foi através de decreto governamental, e sua situação legal, reconhecida.

A escola conta com vinte e três salas de aula em boas condições de funcionamento, além de laboratórios de informática, ciências e de aula de campo. Existem ainda aparelhos de TV e DVD, datashow, computadores, livros didáticos, apostilas, acervos de CDs e DVDs educativos e mapas à disposição para uso.

A esfera administrativa da escola é estadual, e seu organograma se constitui de Direção, Coordenações Pedagógica, Administrativo-Financeira e Gestora, Supervisão, Secretaria Escolar e funcionários administrativos. O núcleo gestor é formado pelo Diretor, Humberto Antonio Nunes Mendes, pelo Coordenador Pedagógico, César, pelo Coordenador Administrativo-Financeiro, José Weyne Barbosa, pelo Coordenador Escolar de Gestão, Taumaturgo, e pelo Secretário Escolar, Maria Arlete da Silva Maciel. Os níveis e modalidades de ensino oferecidos são Ensino Médio, Curso técnico em enfermagem seqüencial e Curso técnico em enfermagem integrado ao Ensino Médio. O quadro docente se caracteriza por 100% de professores especialistas, o quadro técnico-administrativo por profissionais de Ensino Médio, e o quadro discente por jovens de quatorze a dezoito anos.

O Projeto Político-Pedagógico da organização de ensino é elaborado com a participação da comunidade escolar, e esta integração é feita através de reuniões e divulgação de projetos e parcerias. Os recursos financeiros são administrados pelo Coordenador Financeiro e o Diretor com participação do Conselho Escolar. O Planejamento anual é feito dentro da semana pedagógica e os Planejamentos Bimestrais são feitos ao longo do ano, sendo realizados através de reuniões de grupos de professores por disciplinas e séries, dos quais participam a Coordenação Pedagógica, os professores e os supervisores.

A Unidade Curricular de Língua Portuguesa é coordenada por uma professora especialista, com vinte e um anos de serviço. Os professores são estimulados a utilizar materiais variados, a fim de motivar o espaço da sala de aula. O processo de avaliação se realiza por meio de produção textual, provas e trabalhos em grupo. Quando questionada sobre as maiores dificuldades encontradas na administração da Unidade, a professora informou que é difícil conseguir a adesão de todos os professores aos projetos desenvolvidos nas diversas áreas. Os professores devem participar emitindo opiniões, dando sugestões e buscando estratégias para o desenvolvimento das atividades na escola, mas muitos não cumprem o plano de trabalho elaborado durante a semana pedagógica no início de cada ano letivo e revisto a cada bimestre. Tal fato dificulta a integração entre os professores de uma mesma disciplina. Ainda, os docentes raramente participam de capacitações, pois a SEDUC, de acordo com o diretor, pouco oferece essas oportunidades.

Dois mil e quatrocentos alunos estão atualmente matriculados, sendo a maioria de sexo feminino, com idade média de quatorze anos e de baixa renda. Os alunos contam com um grêmio estudantil, além de recuperação de acordo com o calendário da SEDUC. Entretanto, ao longo do ano, a escola oferece aulas de reforço e recuperação paralela. Ainda sim, a frequência de evasão e repetência é maior no período do fim do

ano. De acordo com o Regimento Escolar e com as normas do MEC, os alunos que, sem justificativa, ultrapassarem os 25% de faltas permitidas por lei, estarão automaticamente reprovados. Os alunos que tem faltas frequentes são detectados durante o Conselho de Classe, que ocorre bimestralmente, e os responsáveis são contatados para tomarem as providências cabíveis, já que a escola não tem contato com o Conselho Tutelar (isso se deve ao fato de se tratar de uma escola de Ensino Médio, tendo contato direto com os pais dos alunos faltosos). Além disso, a articulação com a família é feita através de convocação para duas reuniões anuais para cada série, das quais participam também os docentes. Os pais dos alunos com problemas de baixo rendimento e indisciplina são convocados a comparecerem ao serviço de orientação para tomar conhecimento da situação de seus filhos.

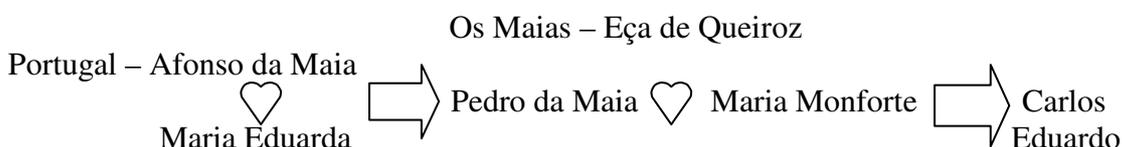
2. Experiência de Estágio

2.1 Observação

No primeiro dia de observação, a aula foi no auditório, pois os alunos iriam assistir a um episódio de *Os Maias*, de Eça de Queiroz. O auditório estava bem equipado (datashow, quadro branco e ar-condicionado), e a professora utilizou o datashow e um laptop próprio para exibir os vídeos que ela mesma havia baixado pela Internet. Notei um clima bastante agradável, não só pelas condições excelentes de instalação, mas também pela amizade entre a professora e os alunos.

No início, fui apresentada por Profa. Aline aos alunos (quarenta e dois alunos presentes de um total de sessenta e quatro) e todos me aceitaram com tranquilidade. Depois, ela anunciou o aniversário de um deles, e todos cantaram parabéns a ele. Tal fato me fez perceber como a Profa. Aline é querida por seus alunos, pois eles se mostram sempre alegres e motivados em suas aulas.

No quadro, ela fez a seguinte anotação, a fim de iniciar a aula contextualizando a obra:



O vídeo foi iniciado, e durante a exibição, a professora pausava e ia ao quadro, utilizando o esquema acima, para explicar aos alunos o que lhes era necessário para a compreensão da história. De acordo com ela, através dessas comparações, a leitura do livro seria mais bem compreendida. De fato, o esquema acima fez toda a diferença, pois os alunos se lembravam do que haviam lido, mas não dos nomes de todos os personagens.

No segundo dia, ocorreu a entrega de provas, além da avaliação da participação dos alunos durante as aulas (posto que fosse o fim do terceiro bimestre). Durante toda a aula, a professora comentou a prova, sempre pedindo pela opinião deles quanto às respostas, comparando com as corretas e explicando o porquê de as respostas terem sido consideradas incorretas ou não. Percebi que os alunos se sentiam à vontade para questionar e dialogar com ela, sempre com respeito e brincadeiras saudáveis.

Nessa mesma aula, a professora conversou com cada um sobre as notas de participação, de forma muito interessante: relembrou as notas dos bimestres anteriores, sempre citando exemplos do comportamento do aluno, e perguntava a ele que nota ele achava que merecia, para só então passar a nota real. O que me chamou a atenção foram os conselhos que a professora Aline dava a eles, questionando seus reais interesses pelas aulas e pela escola, visando seu futuro na universidade. O diálogo era sempre sincero, e os alunos confiavam nela. Houve ainda a votação para a chapa que assumiria o Grêmio Estudantil da escola, e os alunos votariam durante a aula.

No terceiro dia de observação, a professora Aline trouxe um TD de Argumentação (Anexos). Ela leu o texto que iniciava o TD, e começou a discutir com os alunos a respeito do assunto do qual o texto tratava, no caso, criação materna e paterna e poder de decisão. A maioria participou através da exposição de opiniões sobre o texto, argumentando contra ou a favor da responsabilidade dos filhos sobre seus atos.

A discussão foi longa, e notei que os alunos se interessaram bastante. Em nenhum momento, a professora utilizou a palavra “argumentação”, nem qualquer comentário ou explicação sobre o que ela tratava. Este fato me fez entender que ela se utilizaria da compreensão dos próprios alunos a respeito de argumentação para construir, coletivamente, seu significado e uso. Lembrei-me, então, do ensino produtivo sobre o qual os Parâmetros Curriculares Nacionais tanto discorrem.

No quarto e quinto dia de observação, a professora apresentou o projeto do livro *Mistérios*, de Lygia Fagundes Telles. Os alunos foram divididos em dez equipes (de um total de cinquenta e quatro alunos), e teriam como tarefas:

- ↻ Ler dois dos dez contos do livro (que seria disponibilizado pela biblioteca),
- ↻ responder uma ficha de leitura sobre seu conto,
- ↻ entregar a ficha à professora, recebendo a ficha de outro grupo, e
- ↻ analisar e corrigir a ficha de leitura respondida pelo outro grupo.

Todos os alunos disponibilizariam de quinze dias para ler os contos e outros quinze para responder sua ficha de leitura. As fichas deveriam ser digitadas, e a nota seria dividida entre a ficha respondida pelo grupo e a análise feita da outra ficha. O último conto do livro, “Venha ver o pôr-do-sol”, estaria sob minha responsabilidade.

No sexto e sétimo dia de observação, as aulas se voltaram para o simulado SPAECE. Ela disponibilizou aos alunos um TD que exemplificava questões do simulado (Anexos), que ela mesma havia criado. Como eles já haviam feito, ela explorou cada uma das questões do TD, perguntando sempre aos alunos qual alternativa eles haviam marcado. Se eles estivessem corretos, ela pedia a eles que explicassem sua resposta; senão, ela justificaria o erro da alternativa, fazendo que os alunos compreendessem seu erro. Utilizava exemplos práticos e simples: através da fábula “Chapeuzinho Vermelho”, os alunos entenderam como encontrar o assunto da narrativa, como também o fato que a gerou através de suas diferentes versões.

Todo o planejamento das aulas observadas era lido e/ ou mudado, e a professora sempre se mostrou disposta a acatar quaisquer mudanças sugeridas por mim. Tive acesso a todo o seu material, e fui sugerida pela própria professora a acompanhar seus planos de aula, fato que me permitiu aproximação real do seu trabalho. Além disso, minha ajuda sempre foi aceita, e pude realmente co-participar nas aulas, o que me deixou bastante satisfeita durante o período em que observei as aulas. Essa relação me auxiliou muito ao planejar a aula de regência, já que a professora conhecia a sala, os alunos e o material sobre o qual eu deveria trabalhar.

Percebi que, como em toda a fase da adolescência, os alunos se dividiam em grupos durante as aulas. Aqueles sentados no meio e na frente, perto da professora, eram de fato os mais interessados na aula: participavam, opinavam, respondiam às perguntas e realizavam as atividades que a Profa. Aline tinha como proposta para as aulas. Os alunos sentados ao fundo, geralmente portando celulares com rádio, ligavam seus fones ao ouvido e não davam a devida atenção às aulas nem às explicações da professora. Por vezes, ela precisou interromper suas aulas para pedir a eles que fizessem silêncio, pois conversavam alto demais, atrapalhando a concentração dos colegas interessados.

Ao questionar a professora sobre a atitude desses alunos, ela respondia que “já não ligava muito para isso”, “eles não iriam prestar atenção mesmo”. Ao me aconselhar sobre a aula de regência, lembrou-me que eu iria dar aula para alguns, e com os outros, eu deveria ignorar sua presença e continuar minha aula. Pensei sobre tais conselhos

durante um período e quis fazer diferente: entendo ser a educação uma forma de inclusão, e não o contrário.

2.2 Regência

A aula de regência ministrada em vinte e um de outubro, com duração de duas horas/aula, teve a colaboração extraordinária da Profa. Aline, e desde já, agradeço por isso. Foi possível, através do ponto de vista dela, planejar uma aula que contribuísse para o projeto de leitura do livro *Mistérios*, além de se encaixar no perfil da turma, posto que ela os conhecesse tão bem.

Dentro do projeto de leitura, ficou sob responsabilidade da aula de regência a exploração do conto “Venha ver o pôr-do-sol”, e um dos grandes desafios seria contar com a participação de todos os alunos. Inevitavelmente, haveriam alguns desinteressados, mas coloquei o seguinte questionamento: por que não fazer com que todos mergulhem no universo do conto?

A leitura do conto em estudo teria que ser feita antes da aula com a ficha de leitura. Deste modo, providenciei uma cópia para cada aluno com duas semanas de antecedência. Durante as aulas, eu e a Profa. Aline constantemente lembrávamos aos alunos da leitura de conto. Para minha grande felicidade, no dia da aula, apenas dois alunos não haviam lido o conto.

A professora da turma me pediu para ficar em sala acompanhando a aula, mas apenas como espectadora. Os alunos aceitaram minha presença tranquilamente, e tentei fazer do ambiente o mais divertido possível. Começamos com a discussão do conto lido, falando primeiro sobre os personagens. Muitos alunos consideravam Ricardo uma figura muito estranha, fator psicológico que, segundo eles, contribuiria para o mistério do conto. Perguntei então se eles consideravam a narrativa como misteriosa, e muito disseram que sim. Comentei a presença de inúmeras reticências nas falas de Ricardo, e eles disseram que as reticências estavam lá para dar um ar de desconfiança no personagem. Uma aluna ressaltou o mistério presente no convite de Ricardo a Raquel, o fato de um cemitério ser um lugar “macabro demais” para um encontro romântico para ver o pôr-do-sol.

Dadas as primeiras considerações e impressões, fizemos uma atividade bem rápida e descontraída: coloquei os alunos em casais e pedi aos rapazes que convidassem as meninas para ver o pôr-do-sol em um cemitério. Todos riam muito, posto que fosse um convite inusitado demais! Dividi então a sala em oito grupos de cerca de oito alunos, e eles deveriam, primeiramente, responder a ficha de leitura sozinhos. Eu e a professora Aline circulávamos entre os grupos para possíveis dúvidas dos alunos, e todos terminaram a ficha mais ou menos ao mesmo tempo. Esse primeiro momento de discussão e divisão de grupos durou uma aula.

Para a segunda aula, as respostas das fichas seriam conferidas e discutidas. Troquei então as fichas dos grupos para que um corrigisse a do outro, justificando as respostas corretas ou não. Passamos por cada exercício, os grupos manifestavam sua opinião acerca da ficha do outro, e todos teriam direito de argumentar contra ou a favor daquela resposta, com liberdade e respeito para modificar as respostas dos outros colegas.

O exercício número dois foi o que mais gerou discussão, pois permitia várias respostas dentro de diferentes pontos de vista. Criou-se até mesmo um clima de debate a respeito do caráter do personagem Ricardo, de suas intenções para com a personagem Raquel e toda a situação dentro do cemitério. Senti que os alunos estavam à vontade para colocar suas opiniões, e por fim todas as respostas foram consideradas corretas.

Terminada a exploração da narrativa, abrangemos o gênero conto e todas as suas características. Considerei um dos momentos mais produtivos da aula, pois os próprios alunos descreveram os elementos que compõem o conto a partir do que eles entenderam pela leitura, discussão e exploração do conto de Lygia Fagundes Telles. A aula não foi centrada em definições ou regras, mas em impressões e certezas dos alunos a respeito do gênero. Através dessa construção coletiva de significado, tenho certeza de que senti uma contribuição da minha aula de regência para a autonomia desses alunos enquanto leitores críticos.

No último momento da aula, produzimos um conto coletivo a partir de um microconto, e cada aluno contribuiu para um pedacinho da narrativa. Lembro-me de a história se iniciar numa conversa entre dois melhores amigos, passar por um enterro na favela e terminar em um samba no morro. Não sei se é essa a realidade deles, mas sei que se tornou verdade em nossa aula.

Considerações finais

“A escola é a nossa segunda casa, Cláudia. Nunca se esqueça disso...” me disse a minha professora da 1ª série do Ensino Fundamental, a tia Neusa. Eu nunca me esqueceria da docente que acendeu em mim a vocação para o ensino, tampouco a frase acima. A escola sempre foi, para mim, o lugar no qual eu viveria uma extensão do lar. Ora, eu dormia, comia, brincava lá... Por que não?

A escola deve ser um lugar de formação de caráter, de visão crítica, de capacidade argumentativa, de conhecimento empírico com o nosso conhecimento prévio do mundo. É um desfile de opiniões diversas a serem lapidadas, e de relações que determinarão nosso futuro. Não à toa se fala em “escola da vida”, posto que a instituição de ensino não somente educa, mas fortalece a vivência social. O ensino produtivo, quando aliado a professores atualizados e a um ambiente escolar que proporcione meios para uma aprendizagem plena, torna-se não apenas uma nova idéia, mas um objetivo.

As coisas que aprendemos quando estamos no processo de ensino permanecem para sempre, e a escola é o mundo no qual tudo acontece. Experiências tão distintas de sala de aula nos levam a refletir sobre o ensino de hoje e sobre quem ensina e quem aprende. Afinal de contas, de quem é a culpa? Acredito ser vão colocar em discussão quem ou o quê deveria mudar, mas sim responsabilizar todos pela renovação escolar.

A vivência na escola Aduino Bezerra foi extremamente enriquecedora por todos aqueles que a fazem, desde o porteiro que nos ofereceu a entrada, do núcleo gestor que nos ofereceu sua administração, dos alunos que nos ofereceram sua realidade e dos professores que nos ofereceram seu conhecimento. Diferentes formas de pensar que levam a escola a ser um lugar singular, por ser capaz de abarcar tantas experiências únicas, e um lugar plural, por cruzar tantas visões distintas.

A singular disposição dos membros da unidade de ensino Aduino Bezerra em prover todas as informações requisitadas, além da disponibilidade ao acesso à escola em todos os horários selecionados pela estagiária para a realização das atividades de observação e regência trouxe contribuições únicas para a experiência de estágio. Em especial, sem dúvida, um agradecimento mais do que merecido à professora Áurea, responsável pela disciplina, e à professora Aline, orientadora da observação e regência na escola, que me proporcionaram tal experiência.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** ensino fundamental. Brasília: MEC, 1998, p. 69.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Texto e interação:** uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2005, p. 270-277.

Apêndices

Plano de aula

TEMA	JUSTIFICATIVAS	OBJETIVOS	ETAPAS PREVISTAS	METODOLOGIA	AValiação	BIBLIOGRAFIA
Explorando e construindo o gênero conto	O uso do texto em sala de aula como unidade de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa; O uso do texto literário nas aulas de Literatura para a compreensão dos seus múltiplos significados.	Trabalhar o gênero conto dentro de uma leitura interpretativa e significativa por meio de inferências.	Pré-leitura: os alunos lêem o texto em casa; Discussão da leitura: levantam pontos relevantes; Realização de atividades que envolvam sua compreensão; Pós-leitura: os alunos constroem um texto coletivo.	-Após terem lido o conto em casa, os alunos fazem um levantamento dos principais fatos e personagens do conto. -Através de falas e pistas, os alunos discutem os comportamentos dos personagens. -Respondem a uma ficha de leitura que trabalha elementos para a construção do significado do gênero conto.	-Os alunos produzem um conto coletivo em grupos, partindo de um microconto formado apenas de seis falas.	CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2005, p. 270-277.

E.E.M. Gov. ADAUTO BEZERRA

Ficha de Leitura: *Venha ver o pôr-do-sol*, de Lygia Fagundes Telles

Aluno (a): _____ Série: _____ Turma: _____ No: _____ Data 21/10/2010

Você que já leu *Venha ver o pôr-do-sol* é agora convidado a mergulhar nas águas do conto!

Explorando o conto

1. O conto é um texto curto que pertence ao grupo dos gêneros narrativos ficcionais. Caracteriza-se por ser condensado, isto é, apresentar poucas personagens, poucas ações e tempo e espaço reduzidos. No conto *Venha ver o pôr-do-sol*:

a) Quem são as personagens envolvidas nos fatos narrados?

b) Qual o tema central do conto?

2. Nos gêneros narrativos, a sequência de fatos que mantêm entre si uma relação de causa e efeito constitui o **enredo**.

a) Um dos mais importantes elementos do enredo é o **conflito**. O conflito é uma oposição de interesses que, ao criar uma tensão em torno da qual se organizam os fatos narrados, prende a atenção do leitor ou ouvinte. No conto em estudo, em que momento se inicia o conflito?

b) *Então, pensei, se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada...* Por essa fala de Ricardo, quais seriam as suas intenções com Raquel?

c) Além das reações de Ricardo, há no conto outras pistas de que alguma coisa estranha poderá acontecer? Justifique sua resposta.

d) Há um momento em que Raquel desconfia das reais intenções do ex-amante. Nesse momento o conflito atinge o **clímax**, isto é, seu ponto máximo, o momento de maior tensão da história. Qual é o clímax do conto?

3. O conto lido faz referência ao tempo e ao espaço em que ocorrem os fatos narrados.

a) Em que lugar(es) ocorre(m) os fatos?

b) Qual é o tempo de duração dos fatos?

c) Identifique no conto indícios de que Ricardo premeditou sua ação final.

4. Como o conto é uma narrativa curta, a descrição dos personagens costuma limitar-se ao essencial. No conto lido, quais são as características de:

a) Ricardo? _____

b) Raquel? _____

5. Como outros textos narrativos ficcionais, o conto costuma ser narrado em 1ª ou 3ª pessoa. Em que pessoa é narrado o conto em estudo? Quem é o narrador? Houve discurso indireto livre?

6. Observe a linguagem do conto lido.

a) Que tipo de variedade lingüística foi empregada? _____

b) Que tempo verbal predomina? Por que ele foi usado?

7. Reúna-se com seus colegas e, juntos, concluem: Quais são as características do conto?

Produzindo o conto

O texto a seguir é um microconto de Marcelo Coelho. Reconte-o, ampliando a narrativa com informações mais precisas: o que aconteceu, onde, quando, quem são as personagens que dialogam, etc.

L.J.C.

- 5 tiros.
- É.
- Brincando de pegador?
- É. O P.M. pensou que...
- Hoje?
- Cedinho.

In: Marcelino Freire, org. *Os cem menores contos brasileiros do século*.
Cotia: Ateliê Editorial, 2004, p. 59.)

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Texto e interação:** uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2005, p. 270-277.

Anexos